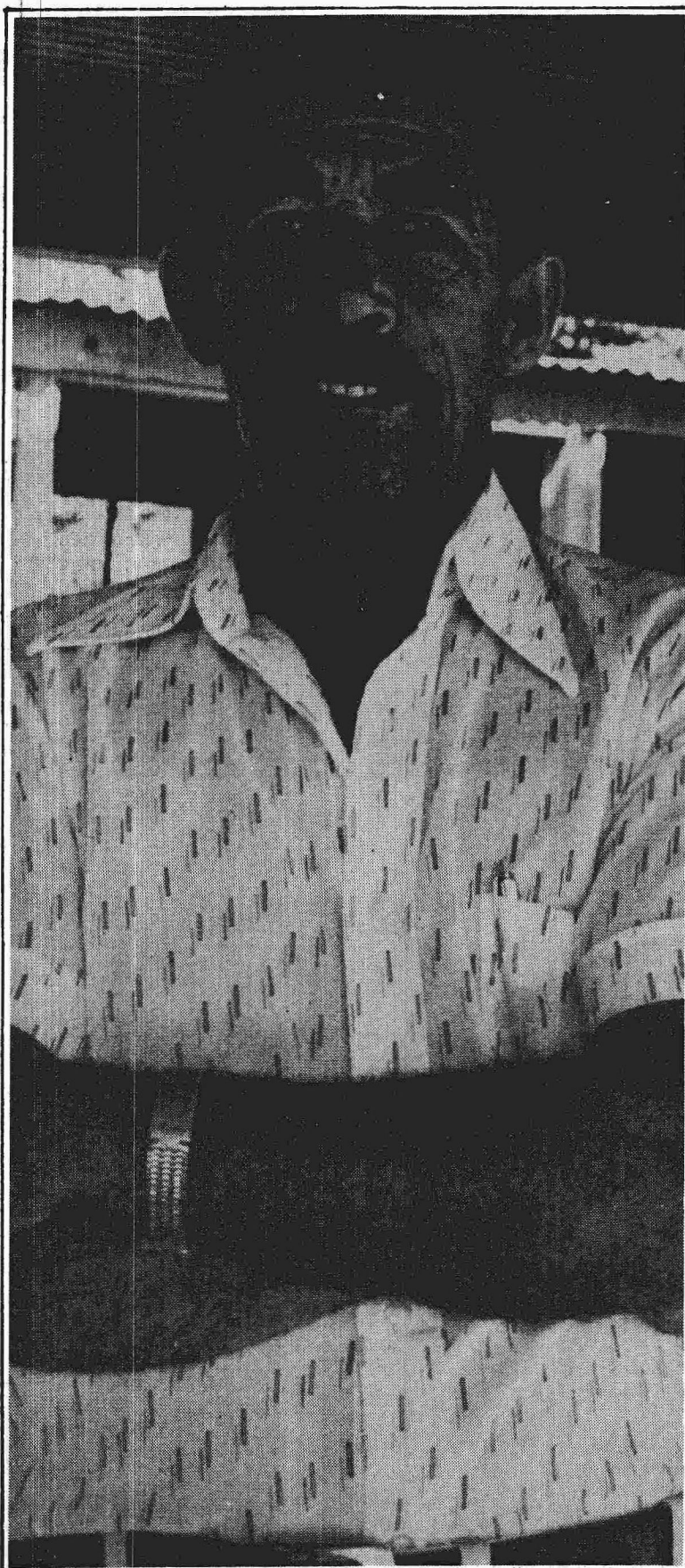




Luciano, "a testemunha ocular da História"

ENCONTRO COM A HISTÓRIA

Bernardo Sayão me perguntou se eu queria ser guarda-de-campo

Assim que o engenheiro José Ferreira de Castro Chaves - o Juca Chaves - aceitou nosso convite para vir a Brasília, procuramos imediatamente nos cercar de alguns cuidados. Afinal, não sabíamos a como andava o coração dos pioneiros. O cardiologista Douglas Linhares Tinoco ficou a postos, mas o coração dos "pioneiros" mostrou que está em grande forma, em todos os sentidos.

Marcamos um encontro dos pioneiros para as 11:00 horas do dia 11 de abril, no Catetinho. A repórter Ivany Câmara Neiva já havia entrado em contato com Luciano Pereira, avisando-o da visita que receberia.

Afinal, depois de 25 anos da primeira chegada, de repente voltariam Juca Chaves, Sebastião Calazans e Chico Português, que, cada um na sua especialidade, tinham construído o Catetinho.

A expectativa de nossa parte era intensa. Às primeiras horas da manhã rumamos para o Catetinho e fechamos a série de depoimentos com o daquele que é a "testemunha ocular da História" no dizer de Sérgio Porto, ao se referir ao jornalista Brício de Abreu.

Uma das filhas caçulas de Luciano Pereira fazia seus deveres escolares na mesa onde comeram, trabalhar, despacharam, Israel Pinheiro, Ernesto Silva, e os dez pioneiros vindos com Juca Chaves no início de Brasília.

Luciano - administrador do Catetinho - estava arrumando o quarto onde dormia Ernesto Silva. Quando chegamos, interrompeu seu trabalho e desceu. Estava tenso.

Em 1956 Luciano era funcionário da Força Aérea Brasileira no Aeroporto de Luziânia, quando chegou a primeira comissão de levantamento da área a ser desapropriada para a construção da futura capital da República, integrada por Altamiro de Moura Pacheco, Jofre Mozart Parada e Francisco Troncha, autorizada pelo então vice-governador do Estado de Goiás, engenheiro Bernardo Sayão.

Agora é ele quem diz: "Eu já era funcionário da FAB há dez anos e o salário era pouco, naquela época Cr\$ 600,00 (seiscentos cruzeiros). Foi quando o Bernardo Sayão disse pra mim: 'Seu Luciano, eu vou precisar de um guarda-de-campo lá no Planalto. Vou fazer uma pista-zinha pra receber o Presidente Juscelino. Sabe lá o que é isso, Luciano! Você recebendo o Presidente da República em pleno planalto'".

Eu disse então: pra mim é uma honra e um prazer, doutor Bernardo.

Ai ele me perguntou: "Quanto você ganha?"

Eu ganhava Cr\$ 600,00, mas como eu queria sair do emprego e já tinha pedido minha demissão, e eles não queriam me demitir, tinham aumentado o salário em duzentos cruzeiros.

Foi quando o Bernardo Sayão propôs: "Luciano, eu vou te pagar dois mil cruzeiros, pra você ser o guarda-de-campo do Presidente lá no Planalto".

Eu falei: "O senhor que me matar do coração, doutor Sayão?"

Ele riu e disse que ia falar com o meu comandante em Goiânia.

Em seguida Luciano passou a descrever os vários aviões que aterrizaram na pequena pista construída por Bernardo Sayão.

"Até que chegou o doutor Juca Chaves com o Tião Bombeiro, o Peixinho, o Chico Português e o comandante João Milton Prates. No Tião Bombeiro, o doutor Juscelino botou o apelido de "Tião da Onça", porque uma noite - a gente dormia ainda nas barracas de lona - uma onça bateu na barraca dele e rasgou a lona onde ele dormia. A sorte - continuou Luciano - era que a lona era nova e num deu pra ela rasgar antes que ele acordasse.

Aliás, eu lembro dum negócio gozado. O Tião e o Peixinho pregaram um susto no doutor Israel. Já tinha sido instalada a Usinhinha ali onde é hoje o Clube e os dois levantava de madrugada pra botar ela a funcionar. O doutor Juca Chaves tinha dado pros dois uma capa de borracha toda preta (chuvia muito naquele tempo). Como tinha muito bicho, guará, onça, eles carregavam umas foices na caxunda pra se defender.

Como você sabe o doutor Israel acordava de madrugada e vivia batendo de porta em porta e acordando os engenheiros pra trabalhar. O homem era duro, só sossegava quando via todos os engenheiros nos seus jipes. Diziam que ele só abaixava a cabeça pra Dona Coracy, a mulher dele.

Tava garoando uma chuvinha quando eu dei café pra ele. Nisso, que ele olha pro mato, se assustou: "Será alma penada, meu Deus? Parece a morte!"

Rindo, Luciano disse: "O doutor Israel pensou que o Tião da Onça e o Peixinho era alma do outro mundo com as capas pretas e a foice nas costas".

Um aspecto desconhecido da história dessa época foi lembrado pelo "guarda-de-campo do Presidente". É o da participação das mulheres nessa fase do Catetinho.

"Bem... começou Luciano didaticamente - o nome Catetinho o senhor sabe que foi sugestão do Dilermando Reis pro Oscar Niemeyer. Ele pensou em batizar aqui de Catetinho, pensando no Palácio do Catete lá no Rio de Janeiro. A primeira cozinheira do Catetinho - continuou - chama-se Dona Germita, e mora em Brasília, o marido dela chamava Arnaldo e me ajudava aqui no aeroporto. Eles já moravam aqui no Planalto. Tinham um ranchinho de palha ali onde hoje é o Guará.

Depois, o doutor Israel trouxe uma cozinheira profissional lá de Belo Horizonte, Dona Dolores, - que tá até hoje em Brasília - e um cozinheiro por nome Moacir - que já faleceu.

Tinha também a Dona Tica e a Maria que eram as lavadeiras, dona Tica hoje mora no Gama.

A copeira era a Dona Rosa, mulher do Alexandre, que era quem levava comida daqui do Catetinho pro comandante João Milton Prates, doutor Juca Chaves, César Prates. A Dona Rosa até hoje é copeira no Palácio da Alvorada. Tinha também a Dona Iara, mulher do Osório Reis, que era o mordomo do Catetinho.

Por isso e que eu digo - finalizou Luciano - Brasília começou aqui do Catetinho".